

# A UNIVERSIDADE (RE)PRODUTORA DA SOCIEDADE

*Ilse Scherer-Warren\**

## 1. A DUPLA CRISE DA UNIVERSIDADE

Em anos recentes, fala-se e escreve-se sobre as situações de crise que a sociedade vem enfrentando: econômica, de valores e outras mais específicas. Como pensar “a crise da universidade” neste contexto?

Entendo que se pode pensar a crise da universidade a partir de dois parâmetros: o da relação da universidade consigo mesma e o da relação da universidade com a Sociedade envolvente. Todavia, a história concreta da universidade indica que estes referem-se a duas facetas de um mesmo processo.

De fato, pode-se falar numa dupla crise da universidade brasileira. Mas esta não é o resultado, nem de um inadequado debruçar-se da Instituição sobre si mesma, nem de um mero reflexo dos problemas da sociedade global sobre a Instituição. É, sim, o resultado de como se interpenetram Universidade-Sociedade.

Neste sentido, considero que a assim denominada “atual crise da universidade” é o aguçamento de um processo anterior. Por um lado, a crise da universidade, enquanto processo mais longo, veio se desenvolvendo junto com o crescimento do capitalismo e já há algumas décadas. Por outro lado, a mais recente crise do capitalismo na sociedade brasileira, veio provocar, por isso mesmo, uma supercrise dentro da universidade brasileira.

Objetivamente, esta dupla crise da universidade pode ser assim definida:

---

\* Professora do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas da UFSC.

— Uma dimensão que, face à incorporação dos valores da sociedade capitalista, vem desvirtuando os “ideais” de universidade criadora de conhecimento crítico. A universidade transforma-se, assim cada vez mais, numa *indústria de ensino*: para formar técnicos ou para ser mera reprodutora de conhecimentos; para emitir diplomas que permitam a ascensão; para estimular o carreirismo, antes do que o gosto pela ciência e pela cultura. Enfraquecem-se, assim, “os verdadeiros ideais” de universidade: de incentivo ao desafio intelectual; de estímulo à criatividade e à crítica construtiva; de engajamento com valores humanísticos, culturais e sociais.

— Outra dimensão que, tendo em vista a já incorporação daqueles mencionados, alimenta-se com a própria crise mais recente do capitalismo no Brasil, provocando uma supercrise da universidade, por não poder atender mais tão adequadamente as aspirações oriundas daqueles valores. Neste momento, os segmentos sociais que buscam na universidade um “locus” de ascensão social e econômica vêem-se como os mais atingidos.

É sob este patamar, até agora descrito, que a universidade assume um papel de mera reprodutora do social. Contudo, este não é totalizante. Há os segmentos internos à universidade que procuram desenvolver uma consciência crítica e buscam novas invenções sociais para o enfrentamento e superação das crises.

A universidade vive, pois, internamente um papel ambíguo: o de reprodutora do social, procurando readaptar-se constantemente ao sistema; o de possível produtora do social, enfrentando os entraves do sistema.

Esta ambigüidade é, todavia, de difícil superação, uma vez que a universidade não apenas repercute internamente os problemas da sociedade envolvente, como também tem uma composição social interna que reflete interesses econômicos, políticos, culturais e ideológicos divergentes.

Esta marca está presente também nos movimentos sociais que se desenvolvem dentro da universidade, conforme veremos a seguir.

## 2. A AMBIGÜIDADE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS FRENTE À CRISE

Conforme afirma F. H. Cardoso, a universidade “embora jamais tenha sido uma instituição aberta às classes trabalhadoras, sempre recrutou seus membros dentro de um amplo espectro de estruturas de classes e respondeu a demandas e interesses muito diversificados. Por isso mesmo obrigou uma ampla gama de orientações diversas e não raro conflitantes” Acrescenta, ainda, que desta forma ela atua ao mesmo tempo como “vanguarda libertária da nova ordem” e como “instrumento ideológico das classes dominantes” (Rev. *Educação Brasileira*, “Universidade e Desenvolvimento”, pp. 12-3).

Assim sendo, os movimentos sociais que se formam no interior da universidade expressam uma identidade de classe e/ou ideológica de seus membros não homogênea. Entretanto, os movimentos sociais para se constituírem *como tais, necessitam se fixar sobre uma identidade de seus membros, pelo menos suposta.*

Como se construiu a identidade no movimento docente?

O movimento docente se organizou, e teve sua grande força de expansão em cima de questões de caráter sindical (salariais, níveis de carreira e outros similares). Sem dúvida, sob este prisma, a construção de uma identidade para a luta não foi difícil, pois a crise da economia brasileira repercutiu de forma acirrada nos setores considerados não “estratégicos” da economia, tais como a educação e cultura. A perda dos salários reais dos trabalhadores da educação e de outros recursos para a manutenção das universidades são fatos facilmente demonstráveis. Esta foi a grande força do movimento docente, pois permitiu unificar segmentos de classes e com interesses e comprometimentos políticos e ideológicos bastante diversificados. Permitiu, mesmo, que num determinado momento, professores e servidores representando bases sociais bastante heterogêneas se articulassem numa luta unificada: a greve de 1983.

Esta tem sido, porém, também a fraqueza do movimento. Para conseguir esta unidade, fez-se necessário que as diversidades ideológicas, que porventura se manifestassem, fossem expurgadas no desenrolar das lutas. Não era conveniente naqueles momentos

que os reais interesses políticos e que as diferentes concepções sobre a função social da universidade fossem confrontados. Estas questões ou têm sido discutidas superficialmente, ou relegadas a um segundo plano. Observa-se, mesmo, que quando associações docentes organizam debates políticos, sobre questões salariais, não conseguem mobilizar suficientemente seus integrantes à participação.

Houve, todavia, uma questão que conseguiu mobilizar amplos setores dos movimentos docentes, discentes e de servidores, e o da administração da universidade: o da sua democratização interna. Sem dúvida que esta mobilização tem levado a avanços no que diz respeito à escolha dos dirigentes internos, à representação em órgãos colegiados e similares. Porém, mesmo aí o debate situou-se basicamente no mesmo nível daquele que vem sendo travado pela sociedade civil de uma maneira geral: o da democracia enquanto representatividade. Muito pouco se tem avançado na discussão substantiva sobre democracia.

Quais, pois, as limitações deste nível do debate?

Continua-se reproduzindo vícios do passado no plano da luta pelo poder. Universaliza-se uma ideologização da "democracia", com base na qual os segmentos mais diversificados conseguem fazer suas as mesmas palavras de ordem. Nos debates pela luta pelo poder fica-se, pois, mais nas questões de forma da democracia (as quais sem dúvida são importantes) do que nas questões de seu conteúdo. Desta maneira, os grupos que se opõem pela sucessão ao poder, freqüentemente apresentam plataformas políticas muito semelhantes. Muito pouco tem sido desvendado sobre os verdadeiros conteúdos que se escondem sob esta aparente similitude.

Desta forma, para que a universidade seja também um dos agentes da produção da democracia deverá assumir o seu fórum de debate da questão substantiva da democracia, tanto internamente quanto externamente ao campus.

Internamente terá que confrontar abertamente os diferentes projetos de universidade, em torno de problemas tais como: produzir conhecimento para que para quem por quê? Que compromissos assumir face a estes conhecimentos? Quais os significados e funções do Ensino, da Pesquisa e da Extensão?

### 3. A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PROJETO DE UNIVERSIDADE

A heterogeneidade das concepções políticas internas à universidade, sufocada no interior dos movimentos sociais que aí se organizaram — necessitados de uma unidade acima de tudo — veio a ser uma das fraquezas destes. Entretanto, o que se tem constituído na fraqueza destes movimentos, poderia vir a ser fonte de sua riqueza. Isto desde que a universidade conseguisse recuperar um de seus "ideais" tradicionais: o de fórum de debate e de confronto de posições pluralísticas. Se a universidade não for um "locus" para a avaliação crítica do social (sobre o uso da tecnologia, das políticas de saúde e educação, etc.) reduzindo-se a uma mera reprodutora da sociedade envolvente, terá perdido a sua missão específica. Como nos diz A. M. de Rezende: "A crise da universidade continua sendo principalmente cultural... a profissionalização, a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho poderia perfeitamente ser assumida por outros setores... Mas o que nenhuma outra instituição pode fazer no lugar da universidade é a ação cultural de alto nível, como forma específica de colaboração no desenvolvimento cultural de um povo. Neste sentido, um projeto de universidade é inseparável de um projeto nacional global. Ambos têm em comum as dimensões política, social e cultural de sua atividade. Dissociá-las seria perder o enriquecimento crítico e prático que cada uma traz às outras (*O saber e o poder na universidade: dominação ou serviço?*, pp. 79-80).

De acordo com o que vinha sendo colocado anteriormente, um projeto nacional global jamais será harmônico (em nenhuma sociedade, e muito menos numa sociedade dilacerada pelas diferenças e conflitos de classes). Da mesma forma, a universidade vai refletir internamente as divergências ideológicas e políticas sobre os projetos de mudança social. O que a universidade não pode é ficar alheia ao confronto destas divergências. A sua função de avaliação crítica dos conhecimentos existentes e de criadora de novos conhecimentos terá um maior significado social quando possibilitar o confronto

das razões de ser e as justificativas de desenvolvimento destes conhecimentos.

Existem no interior das universidades manifestações de professores e alunos preocupados com a construção de uma universidade mais crítica, que tenha um papel importante na produção de uma sociedade mais justa. O que falta a estes grupos é se organizarem em verdadeiros movimentos culturais e sociais, e que não se deixem esmagar pelos canais de sociabilidade existentes atualmente na universidade: por um lado uma estrutura burocrática esclerosada pelos seus mecanismos de reprodutora do social; por outro lado, associações predominantemente corporativistas. O desafio que os movimentos sociais devem enfrentar para construir uma universidade produtora do social, é de como transformar estes canais institucionais existentes, e/ou de como criar novos canais de sociabilidade para a mudança.

Ou a universidade enfrenta estes desafios, ou perecerá enquanto universidade.

Eis uma questão para o debate!

## BIBLIOGRAFIA

EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Brasília, CRUB, V.1, nº 11, 2º sem. 1983.

JORNAL DA REFORMA. Florianópolis, DCE/APUFSC, mai. 1985.

ODÁLIA, Nilo. "A reinvenção da universidade". In: *Presença*, São Paulo, nº 3. Mai. 1984, pp. 85-90.

PAOLI, Maria Célia. "Os movimentos da universidade e a reapropriação das políticas do Estado". In: *Desvio 3*, Rio, Paz e Terra, 1984, pp. 77-90.

RESENDE, Antônio Muniz de. *O saber e o poder na universidade: Dominação ou serviço?* São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984, 3ª ed.

SAVIANI, Dermeval. *Ensino público e algumas falas sobre a universidade*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984.

## RESUMO

Numa sociedade como a brasileira, baseada nos privilégios de classe da burguesia, a presença de 70 milhões de famintos, de 08 milhões de crianças fora da escola, de elevadas taxas de evasão, e de repetência escolar e a destinação de uma educação desqualificada para a maioria do contingente escolar, são produtos "naturais" e absolutamente correspondentes às exigências do "capitalismo brasileiro". Por isto, sustenta-se a tese de que, historicamente, a tarefa que se impõe, *prioritariamente*, à educação, é a luta pela transformação da sociedade brasileira, condição sem a qual o proclamado princípio em defesa de uma educação voltada para os interesses das classes subalternas torna-se vazio e abstrato